

IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE ÉTICA E CIDADANIA
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
São Paulo – SP
21-23/10/2008

GT 6 - Filosofia, Cristianismo e Expressões Artísticas

PARA UMA FILOSOFIA REFORMADA DAS ARTES

Carlos Ribeiro Caldas Filho*

RESUMO

Estética é o nome que se dá ao ramo da filosofia que se preocupa com a formulação de uma teoria da beleza e das artes. Há séculos filósofos se preocupam com o desenvolvimento de uma estética filosófica. A religião e a teologia por sua vez, conquanto se utilizem com frequência de meios artísticos diversos como instrumento de veiculação de seus conteúdos, não raro têm tido uma visão um tanto negativa das artes e da estética. Não obstante, a tradição reformada propiciou o surgimento de uma filosofia reformada das artes. Este artigo pretende ser uma introdução à estética filosófica em perspectiva reformada.

ABSTRACT

Aesthetics is the name of the branch of philosophy which has the formulation of a theory of beauty and the arts as its main concern. For centuries philosophers have a concern about the development of a philosophical aesthetics. Religion and theology by their turn, in spite of utilizing frequently the arts as vehicles of transmission of their contents, almost always have had a negative view of arts and aesthetics. Nevertheless, Reformed tradition fostered the appearing of a Reformed philosophy of the arts. This article intends to be an introduction to philosophical aesthetics in a Reformed perspective.

PARA UMA FILOSOFIA REFORMADA DAS ARTES

Quando Deus criou as artes,
deu a elas um lugar no mundo, ao qual chamou de bom.
A arte existe porque Deus quis que existisse.
Ela tem função e significado próprios.
Hans Rookmaaker.

Breve introdução ao conceito de estética filosófica

A palavra estética nas línguas ocidentais é derivada do grego *αισθητική* (literalmente, “sensação”, “percepção”). Tradicionalmente é entendida como o ramo da filosofia que estuda o belo e as bases da arte propriamente. O que é considerado “belo”? Esta é a pergunta chave para a estética filosófica. Na antiguidade grega clássica havia o

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor na Escola Superior de Teologia e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. ccaldas@mackenzie.br

estudo da tríade ideal, constituída pelo bom, o verdadeiro e o belo (Aristóteles, 2000). Do bom ocupa-se a ética, do verdadeiro ocupa-se a lógica e do belo ocupa-se a estética. O verdadeiro aponta para o que se deve crer. O bom aponta para o que se deve fazer, e o belo aponta para o que se deve contemplar. Na Idade Média, a escolástica medieval afirmava que tudo na criação aponta para o criador, e tem as marcas do bom, do belo e do verdadeiro. Como exemplo pode-se citar S. Boaventura (século XII), que fazendo referência à *Metafísica* de Aristóteles fala das condições do ser: uno, verdadeiro, bom e belo. A estética filosófica clássica falava também de uma metafísica estética, que seria a fonte original de toda e qualquer beleza. Para Hegel (2001), seria a manifestação sensível da idéia. Aliás, é no século XVIII que a estética aparece como um ramo distinto do conhecimento filosófico, com *Aesthetica*, obra em dois volumes do filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten, publicada entre 1750 e 1758. Conforme Baumgarten, estética seria o conhecimento sensório da perfeição¹.

Esta introdução ao conceito de estética filosófica, posto que por demais sucinta, é suficiente para apresentar, *in nuce*, do que o presente trabalho vai tratar.

Aproximações entre teologia e arte

Muito embora o objetivo do presente trabalho é apresentar uma filosofia reformada das artes, apresentar-se-á, em síntese, uma resumida elaboração sobre a aproximação entre teologia e arte.

A teologia ocidental tradicional, tanto a teologia católico-romana como a teologia protestante quase não se ocupam da reflexão sobre a estética. Não é comum encontrar capítulo ou verbete sobre “arte” ou “estética” em manuais de teologia sistemática ou em dicionários e enciclopédias teológicas. Há evidentemente uma rica e profunda arte cristã (cf. inter alia, Heinz-Mohr, 1997) - diga-se de passagem, a tradição evangélica no Brasil e na América Latina, devido a um muito forte ranço anti-romano ignora por completo esta tradição². Tome-se como exemplo o *Westminster Dictionary of Theological Terms*, que define arte cristã como “arte que representa temas cristãos como expressões da fé bíblica” (McKim, 1996, p. 18). Afinal, são dois mil anos de produção, no oriente ortodoxo e no ocidente romano e reformado, na pintura, na música,

¹ Cf. <http://www.history.com/encyclopedia.do?articleId=202427> [acesso: 09/10/2008].

² Robinson Cavalcanti, conhecido pensador evangelical brasileiro, sugere que não se faça confusão de “romanismo” com “catolicismo”. Conforme esta distinção, “romanismo” é o que idiossincrático da Igreja de Roma propriamente, enquanto “catolicismo” tem a ver com o cristianismo dos Pais Apostólicos e da Igreja, que vem da igreja indivisa, patrimônio comum de todos os ramos da cristandade, que não de modo algum exclusividade da Igreja de Roma.

na escultura, na arquitetura, na literatura, no cinema e quiçá em outras manifestações artísticas, a partir de uma inspiração cristã. Desde seus primórdios o cristianismo tem lançado mão de símbolos pictóricos para expressar sua fé, através de imagens extraídas do texto bíblico, como a figura do cordeiro (para representar Jesus) ou da âncora (para representar a esperança cristã). É bem verdade que a maneira cristã de ver a arte não tem sido unânime. A igreja do oriente testemunhou nos séculos oitavo e novo à “controvérsia iconoclasta”. O cristianismo ocidental teve sua versão da controvérsia iconoclasta no período da Reforma do século XVI com o movimento liderado por Andreas von Karlstadt, o qual teve vigorosa oposição de Lutero (cf. Dreher, 2001, p. 27-41). O puritanismo no século seguinte manifestou ter recebido influência de Karlstadt. E os evangélicos latino-americanos – brasileiros e hispano-americanos – tradicionais, pentecostais e neo-pentecostais, são quase sempre avessos a qualquer tipo de manifestação estética, especialmente na liturgia. O mesmo pode ser dito quanto à reflexão teológica evangelical latino-americana que tem virtualmente ignorado o tema da arte. Como se sabe, o “carro chefe” da teologia evangelical latino-americana tem sido a teologia da missão integral da igreja. Neste sentido é mais que óbvio que importante papel tem sido cumprido pelos que se identificam com esta produção teológica (cf. Zabatiero, 2007, p. 133-158). Todavia, há que se considerar a existência de “pontos cegos” no discurso da teologia evangelical latino-americana³.

Este trabalho portanto é uma introdução ao tema da estética filosófica em perspectiva reformacional. Utiliza-se a palavra “reformacional” para dar idéia de algo em movimento, e não uma realidade estática, pronta e acabada no passado, que só poderia ser repetida. Prefere-se por isso “filosofia reformacional” a “filosofia reformada”, porque tanto em inglês – *reformed* – como em português – reformado/reformada – são formas verbais pretéritas. Logo, a filosofia reformacional é filosofia em processo dinâmico de auto-avaliação e construção. Todavia, antes de prosseguir é necessário definir estética teológica. Uma definição conceitual útil é a proposta por Gesa Elsbeth Thiessen (2004, p. 1):

Estética teológica é o estudo interdisciplinar de teologia e estética, e tem sido definida como sendo “preocupada com questões a respeito de Deus e de teologia à luz do, e percebidas através do conhecimento (sensação, sentimento, imaginação), através da beleza e das artes.

³ Neste sentido, é notável que a Fraternidade Teológica Latino-Americana – Setor Brasil, tenha realizado em dezembro de 2007 em Brasília (DF) uma consulta nacional sob o tema “Teologia e arte”, no qual se discutiu exatamente um destes tópicos até agora não considerados em sua reflexão teológica.

É portanto um campo bastante amplo, pois inclui a elaboração de uma teologia da beleza, e um diálogo entre a teologia e a arte, nas suas mais variadas manifestações. Na perspectiva da estética teológica, a arte assume status de *locus theologicus*⁴. Certamente, uma fronteira nova para a investigação teológica. Muitos outros teólogos – Paul Tillich, Hans Urs von Balthasar, Karl-Josef Kuschel, Jeremy Bebgie e outros – têm pensado os temas da arte, do belo, da estética, em perspectiva teológica. Evidentemente são elaborações muito diferentes uma da outra. Paul Tillich por sua vez é diferente de todos os citados. Sua principal elaboração neste campo, conhecida como “teologia da cultura”, propõe uma correlação entre a revelação divina e a cultura humana. No contexto brasileiro Tillich tem sido bastante apreciado por muitos que trabalham a relação teologia e arte a partir de uma perspectiva que pode ser considerada “ecumênica”. No Brasil, a Universidade Metodista de São Paulo tem sido destacado pólo de produção acadêmica a partir desta possibilidade teórico-metodológica⁵.

Hans Urs von Balthasar (1905-1988), teólogo católico suíço, foi um dos mais destacados teólogos do século XX. Sua vasta produção teológica, em grande parte ainda desconhecida no Brasil, tratou de vários temas. Mas merece destaque sua tentativa de pensar a estética teologicamente.

Para uma filosofia reformada das artes

O objetivo propriamente deste trabalho é apresentar uma filosofia reformada das artes. Por oportuno, não se entrará no mérito da discussão ocorrida entre os filósofos Herman Dooyeweerd (1894-1977), holandês, defensor da assim chamada filosofia reformacional, e Etienne Gilson, francês, adepto do assim chamado neotomismo, quanto à possibilidade de uma filosofia reformada – Dooyeweerd sempre defendeu a possibilidade de uma filosofia reformada⁶, mas Gilson jamais aceitou tal possibilidade. Portanto, para efeitos do presente trabalho, afirmar-se-á apenas que parte-se do pressuposto defendido por Dooyeweerd. Prova disso é o trabalho da mais alta qualidade,

⁴ José Carlos Barcellos (2001, p. 59) cita o teólogo espanhol Melquíades Andrés Martín, que afirmou ser o conceito de *locus theologicus* elaborado em 1563 por Melchor Cano. Conforme esta elaboração, sete são os “lugares próprios” (Sagrada Escritura, tradição, autoridade da Igreja, concílios, autoridade da Igreja romana, Santos Padres, teólogos e canonistas) e três são “alheios” (razão natural, filósofos e juristas, história e tradições humanas).

⁵ Cf. Calvani (1998); von Zuben (2003). Ambos são trabalhos de conclusão de curso de pós-graduação em Ciências da Religião (respectivamente doutorado e mestrado), feitos a partir do referencial teórico tillichiano.

⁶ O Redeemer University College, do Canadá, abriga The Dooyeweerd Centre, entidade acadêmica que tem como propósito levar adiante o legado de Dooyeweerd. Para detalhes, visitar o website do referido centro: <http://alpha.redeemer.ca/dooyeweerd/>

produzido por muitos filósofos identificados a tradição da filosofia reformacional. Dentre estes destacam-se Alvin Plantinga, William Frankena, William Harry Jellema, e, mais recentemente, Lambert Zuidervaart e Sander Griffioen. Considerando então este pressuposto, que orienta o presente trabalho, esclareça-se que o mesmo pretende se inserir na perspectiva da filosofia reformacional, que tem suas raízes na vertente da Reforma Protestante do século XVI que se entende herdeira do pensamento de João Calvino. Já no século XVI João Calvino, ao contrário dos estereótipos que ao longo dos séculos lhe têm sido atribuídos, demonstra claramente ter a arte na mais alta conta. Ainda que em alguns textos defenda um despojamento estético, principalmente no que tange à liturgia. Sem embargo, em outros é nítida a importância da arte em sua teologia. Calvino nas *Institutas da Religião Cristã*, sua *magnum opus*, reconhece que toda e qualquer atividade humana, em qualquer área, é dom divino, que deve ser usado para o bem-estar da humanidade. O reformador nos adverte a não nos esquecermos

[...] que mui excelentes dons do Espírito Divino são estes, que, para o bem comum do gênero humano, dispensa a quem quer [...]. se o Senhor nos quis deste modo ajudados pela obra e ministério dos ímpios na física, na dialética, na matemática e nas demais áreas do saber, façamos uso destas para que não soframos o justo castigo de nossa displicência, se negligenciarmos as dádivas de Deus nela graciosamente oferecidas⁷.

Ao comentar Êxodo 31:1-8, a narrativa do chamado e capacitação de Bezalel e Aoliabe pelo Espírito de Deus para a confecção de obras de artesanato para o tabernáculo, Calvino declara que “todas as artes emanam d’Ele, e portanto devem ser reconhecidas como invenções divinas [...] portanto, devemos concluir que qualquer habilidade possuída por qualquer pessoa emana de uma única fonte, e é conferida por Deus” (1854, V. 3, p. 291-292). Calvino não desenvolveu uma teologia da arte propriamente. Mas estabeleceu *in nuce* princípios que foram posteriormente desenvolvidos de maneira mais elaborada por outros teólogos, especialmente os do assim chamado neo-calvinismo holandês. Abraham Kuyper cita uma passagem elucidativa de Calvino, na qual o reformador afirma que as artes “nos foram dadas para nosso conforto, nesse nosso estado deprimido de vida” (2002, p. 160). Na leitura que fez de Calvino o teólogo holandês Abraham Kuyper (1837-1920), na palestra intitulada “Calvinismo e Arte” (uma das *Stone Lectures*, proferidas no Seminário Teológico de Princeton em 1898) apresenta uma síntese da posição de Calvino quanto à arte:

⁷ Livro II, I, 16, 1985, p. 33.

Calvino apreciava a arte em todas as suas ramificações como um dom de Deus, ou mais especialmente, como um dom do Espírito Santo; que ele entendeu plenamente os profundos efeitos produzidos pela arte sobre a vida das emoções; que ele apreciava o fim pelo qual a arte fora dada, a saber, que por ela poderíamos glorificar a Deus, dignificar a vida humana, e beber na mais alta fonte de prazeres, sim até mesmo no esporte comum. E, finalmente, que longe de considerar a arte como simples imitação da natureza, ele lhe atribuiu a nobre vocação de desvendar para o homem uma realidade mais alta do que foi oferecida a nós pelo mundo pecaminoso e corrupto (Kuyper, op. cit., p. 161).

Kuyper reconhece que o calvinismo contribuiu para o avanço concreto das artes, e exemplos na poesia, na música, na pintura, e até mesmo na escultura. Resumindo, pode-se citar Seerveld quanto à influência de Calvino no que diz respeito à compreensão teológica da arte e de sua importância se faz notar na tradição protestante evangélica posterior: “a arte tem a tarefa mística de trazer à lembrança daqueles que têm saudades dos céus a beleza perdida e o brilho perfeito que há de vir” (1990, p. 78). É bem verdade que posteriormente, por influência anabatista (e mais recentemente ainda, por influência pentecostal) muito deste legado de uma teologia protestante e reformada da arte tem sido deixado de lado. Não poucos membros e líderes de igrejas de tradição reformada na América Latina pensam que toda e qualquer manifestação artística não tem qualquer valor simbólico ou teológico.

Podem-se citar outros filósofos e teólogos identificados com esta tradição do pensamento cristão. Dentre tantos se podem citar Herman Bavinck (1854-1921), sucessor de Kuyper na Universidade Livre de Amsterdam. Bavinck, à semelhança de Kuyper, também trabalha teologicamente o tema da arte tendo como marco teórico desta construção a idéia teológica da graça comum de Deus. Ambos entendem que a beleza tem origem no ser e na natureza de Deus. Ao artista cabe lutar pela beleza. A arte ecoa a beleza da criação original de Deus, imaculada pelo pecado, e antecipa de alguma maneira a consumação. Bavinck (talvez mais que Kuyper) parece ser influenciado por Platão, ao defender a idéia que a natureza por sua vez reflete um universal transmundano. Nesta perspectiva a natureza mais reflete a beleza que a possui. Estas idéias podem ser contestadas e criticadas. Mas não há dúvida que estes pensadores foram de alguma maneira originais, pois incluíram em seus esquemas o tema da arte, algo que em seu tempo era absoluta novidade.

Dentro da tradição reformada propriamente não há um monismo metodológico nem uma abordagem uniforme à questão. Nicholas Wolterstorff e Calvin Seerveld por exemplo, apesar de serem identificados com o neo-calvinismo holandês, tem

abordagens distintas entre e são ambos bastante diferentes de Herman Bavinck e de Hans Rookmaaker. Wolterstorff tem se esforçado para pensar a estética filosoficamente. Seerveld por sua vez pensa a questão a partir do conceito que elaborou, de *allusiveness*. Quanto a Bavinck e Rookmaaker é possível afirmar que trabalharam a questão a partir de um paradigma antigo, influenciado por demais pela filosofia platônica. Hans Rookmaaker (1922-1977) merece menção especial e um detalhamento um pouco mais extenso. Holandês, foi preso pelo exército alemão que ocupou sua Holanda natal por distribuir propaganda antinazista. Influenciou profundamente Francis Schaeffer (em um caso clássico de discípulo que se torna mais conhecido e mais famoso que o mestre). Rookmaaker lecionou História da Arte na Universidade Livre de Amsterdam. Sua obra *Modern Art and the Death of a Culture* tornou-se um clássico no campo. Rookmaaker tem uma visão bem nítida da cultura do século XX. Ele entende que a arte reflete o desespero do homem que se afasta de Deus, referencial absoluto existencial, espiritual e moral para o ser humano. São idéias que foram posteriormente popularizadas por Francis Schaeffer (cf. Schaeffer, 1974, passim). Na mesma linha do neo-calvinismo holandês estão outros filósofos, como Herman Dooyweerd, Hans Rookmaaker e mais recentemente, Nicholas Wolterstorff, Adrienne Chaplin e, especialmente, Calvin Seerveld, teólogo estadunidense radicado no Canadá, ainda pouco conhecido no Brasil. Seerveld é especialista em estética filosófica (doutorou-se em filosofia na Universidade Livre de Amsterdam, Holanda, com uma análise da estética de Benedetto Croce) e, falando sobre as artes em geral, desenvolve uma idéia que é sugerida neste artigo como embasamento para uma articulação entre teologia e arte na teologia evangelical latino-americana: a idéia da capacidade *referencial* da arte. O conceito da arte como tendo um poder de apontar para outra realidade pode ser útil para os propósitos da leitura que se propõe no presente artigo.

Seerveld é autor de um pequeno clássico, *A Christian Critique of Art & Literature* (a primeira edição é de 1968). Ao falar da arte, Seerveld desenvolve a idéia de *alusiveness* – palavra que pode ser traduzida como “referencialidade”. A arte, entende Seerveld, tem a capacidade de apontar para valores além de si mesma. Quanto ao aspecto de *allusiveness* da arte, Seerveld afirma, em tom bastante coloquial (o texto a seguir vem de uma palestra que ministrou a respeito do tema – daí sua informalidade e coloquialidade):

Se você tem uma objetificação simbólica [...] do significado, você tem arte; caso contrário, você não tem arte. Se o significado

objetificado simbolicamente é profundo ou perverso, não importa, você tem uma arte profunda ou perversa ou irrelevante. Se a qualidade simbólica é límpida, complicada ou evasiva, você tem arte límpida, ou complicada ou evasiva. Mas sem uma objetificação simbólica referencial, nada de arte⁸.

Há que se destacar que Seerveld se distancia de outros filósofos (e teólogos) identificados com o neo-calvinismo holandês. Pois ao trabalhar com seu conceito de *allusiveness*, Seerveld classifica como belas algumas obras de arte que jamais assim seriam entendidas por filósofos de uma ou duas gerações atrás, que pensavam o belo apenas em termos de inspiração grega, como simetria e proporcionalidade. O conceito de *allusiveness* pode ser muito bem utilizado como referencial teórico para estudo de obras de arte, sejam estas literárias⁹ ou obras de arte visual.

Concluindo...

... é possível falar de uma filosofia reformada das artes. Para ser mais preciso, filosofia reformacional. Neste sentido, a contribuição de Calvin Seerveld parece ser potencialmente positiva, especialmente para análise de obras de arte contemporâneas. A filosofia reformacional de Seerveld foi assim resumida por Lambert Zuidervaart:

- A estética é parte do tecido da realidade criada, e normas estéticas só podem ser violadas ou ignoradas a um alto custo;
- As artes, a despeito de sua variedade, são uma esfera unificadas distinta de outras esferas de atividade cultural, oferecendo oportunidades para serviço vocacional para os cristãos do nosso tempo;
- A estética não está limitada somente às artes, assim como as artes têm varies facetas além da estética;
- O significado central da estética – e distintivamente característico das artes – é a ‘referencialidade’ (*allusiveness*) ou ‘imaginatividade’ (*imaginativity*)¹⁰.

Seerveld oferece uma boa base teórica para uma abordagem às artes a partir de um referencial cristão de linha reformada. Lamentavelmente é autor ainda pouco conhecido no Brasil. Espera-se que este trabalho, a despeito de seu diminuto tamanho e simplicidade, possa colaborar para o surgimento de uma filosofia reformada/reformacional das artes em nosso país.

⁸ If you have law-abiding allusive symbolical objectification of meaning, you have art; if not, you do not have art. If the meaning symbolically objectified is profound or evil-minded or unimportant, you have profound or evil-minded or unimportant art. If the symbolic quality is limpid or complicated or elusive, you have limpid or complicated or elusive art. But no [...] allusive symbolical objectification, no art. Seerveld, 1995, p. 46-47.

⁹ Cf. Caldas Filho (2006, 17-33).

¹⁰ Zuidervaart (2000, passim).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2000
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e espiritualidade*. Bauru: EDUSC, 2001
- CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. Da MPB como Fonte para Estudo da Religião: Análise do Elemento Religioso Presente em Anunciação de Alceu Valença e Um Índio de Caetano Veloso. *REVER* (PUCSP), v. 3, p. 17-33, 2006
- CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. *Teologia e MPB. Um estudo a partir da teologia da cultura de Paul Tillich*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998
- CALVIN, John. *Commentaries on the Four Last Books of Moses, arranged in the Form of Harmony*. Translated by Charles W. Bingham. Edimburgh: Calvin Translation Society, 1854, V. 3
- CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*. Livro II, I, 16. Tradução: Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985
- DREHER, Martin N. “Palavra e imagem: a reforma religiosa do século XVI e a arte”. *Revista de Ciências Humanas*. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de estética*. 2ª edição. São Paulo: EDUSP, 2001
- HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos símbolos – imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002
- McKIM, Donald. *Westminster Dictionary of Theological Terms*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996
- SCHAEFFER, Francis. *Morte da razão*. São Paulo: ABU Editora, 1974
- SEERVELD, Calvin. “Conceito cristão de estética” in *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Walter Elwell (ed.). Vol. 2. São Paulo: Vida Nova, 1990
- _____. *A Christian Critique of Art & Literature*. 2nd edition. Toronto: Tuppence Press, 1995.
- THIESSEN, Gesa Elsbeth (ed.) *Theological Aesthetics. A Reader*. Grand Rapids: Eerdmans, 2004
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Um movimento teológico e sua contribuição para a transformação social. A Fraternidade Teológica Latino-Americana – Brasil”. Em

Religião e transformação social no Brasil hoje. Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER (organização). São Paulo: Paulinas, 2007

VON ZUBEN, Reginaldo. *Substância Religiosa nas Composições do Grupo Legião Urbana.* Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003

ZUIDERVAART, Lambert & LUTTIKHUIZEN, Henry (Eds.) *Pledges of Jubilee: Essays on the Arts and Culture, in Honor of Calvin G. Seerveld.* Grand Rapids: Eerdmans, 1995